

Josué 22 (KJA): Um Altar de Mal-Entendido que Quase Quebra a Unidade

Comentário Bíblico Exegético • Versículo a Versículo • Perspectiva Cristocêntrica e Acadêmica

📖 JOSUÉ 22 — KJA

✝️ CRISTOCÊNTRICO

📜 HEBRAICO ORIGINAL

O Retorno que Testa a Unidade (Josué 22:1–9)

Josué 22 abre com uma das cenas mais humanamente carregadas de todo o livro: as tribos transjordânicas — Rúben, Gad e a meia-tribo de Manassés — recebem sua dispensa formal após anos de serviço fiel ao lado de seus irmãos no lado ocidental do Jordão. Josué os chama (וַיִּקְרָא יְהוֹשֻׁעַ, *wayyiqrâ Yehôshûa*) e os acolhe com um discurso de gratidão e exortação que revela a teologia central do capítulo: **a obediência fiel precede e sustenta toda herança espiritual.**

Do ponto de vista exegético, o verbo hebraico שָׁמַרְתֶּם (*shəmartem*, "guardastes") domina a retórica josuana nesses versículos. Esse verbo, amplamente usado na Torah para descrever a guarda dos mandamentos, aparece aqui não apenas como elogio, mas como *conditio sine qua non* da bênção: eles guardaram o mandato de Moisés e Josué, portanto a paz lhes pertence. Teologicamente, isso antecipa a doutrina reformada da perseverança — não como mérito, mas como sinal de eleição genuína.

A dimensão cristocêntrica emerge aqui quando se percebe que Cristo é o verdadeiro *Shomer Israel* — o Guardador de Israel (Sl 121). As tribos guardam porque foram guardadas. Essa dialética entre a fidelidade humana e a graça divina que a possibilita aponta para a obra de Cristo como fundamento de toda obediência filial. A despedida de Josué, portanto, não é apenas protocolo militar, mas teologia pastoral em ação.

Herança pela Fé

O retorno às posses é consequência da fidelidade, não causa — graça que precede a obediência.

Obediência Fraternal

As tribos do leste cumpriram sua missão ao lado dos irmãos do oeste — modelo de unidade no corpo de Cristo.

(shəmartem) שָׁמַרְתֶּם

"Guardastes" — verbo de aliança, marca de fidelidade ao mandato divino e fraternal.

Fidelidade ao Comando de Moisés

Nos versículos 1 a 4, Josué revisita explicitamente o pacto estabelecido por Moisés em Números 32 com as tribos transjordânicas. A fórmula **לֹא עֲזַבְתֶּם אֶת-אֶחָיוֹכֶם** (*lô' 'ăzavtem 'et-'ăḥêkem*, "não abandonastes os vossos irmãos") carrega peso jurídico e teológico: a fidelidade ao pacto com os irmãos é *ipso facto* fidelidade ao Deus da aliança. A linguagem de aliança (*berit*) permeia o texto, mesmo quando o termo não é explicitamente usado.

O verbo **עָזַב** (*'āzav*, "abandonar") é especialmente significativo no vocabulário do AT. É o mesmo verbo que descreve o abandono de Deus por Israel em momentos de apostasia (Dt 31:16; Jz 2:12). Ao dizer que eles "não abandonaram", o texto estabelece um contraste implícito com gerações anteriores infiéis — uma honra extraordinária. Academicamente, isso se encaixa no padrão deuterônômico de bênção e maldição que estrutura toda a historiografia do livro de Josué.

A referência ao "descanso" (**מְנוּחָה**, *mənûḥāh*) nos v. 4 é teologicamente densa: o mesmo vocabulário aparece em Deuterônômio 12:9-10 e é retomado em Hebreus 4:1-11 para descrever o descanso escatológico provido por Cristo — o verdadeiro Josué (*Yēshûa*). O "descanso" que Josué confere às tribos é uma tipologia do **repouso eterno que Cristo oferece a todos que nele creem e o seguem com integridade**.

Tipologia Cristológica

Josué (*Yēshûa*) = Jesus. O descanso que Josué confere às tribos prefigura o descanso que Cristo oferece em Mateus 11:28-30 e Hebreus 4.

Exegese do Descanso

no v.4 — não é mera cessação da (*mənûḥāh*) **מְנוּחָה** batalha, mas ingresso na bênção pactuada com Abraão, Isaque e Jacó, cumprida em Cristo

- Descanso físico: fim da guerra
- Descanso espiritual: cumprimento da aliança
- Descanso escatológico: tipologia de Hb 4

Serviço Sincero, Não Apenas Geográfico

O versículo 5 é o coração teológico da despedida josuana e um dos mais belos summários da lei do amor no Antigo Testamento: **רַק שְׁמְרוּ מְאֹד לַעֲשׂוֹת אֶת-הַמִּצְוָה וְאֶת-הַתּוֹרָה** ("mas guardai com muito cuidado a observância do mandamento e da lei"). O advérbio **מְאֹד** (*me'ōd*, "muito/com intensidade") é deliberado: a obediência que Deus requer não é superficial ou geográfica — não basta estar no lado certo do Jordão.

O que se segue no mesmo versículo é uma síntese do *Shemá* expandido: amar ao Senhor de todo coração, andar em todos os seus caminhos, guardar seus mandamentos, apegar-se a ele e servi-lo de todo coração e toda alma. O hebraico usa **לְאַהֲבָה אֶת-יְהוָה** (*le'ahāvāh 'et-YHWH*) — um infinitivo constrito que indica propósito e disposição contínua. Academicamente, esse versículo constitui um *inclusio* teológico com Deuteronômio 6:4-5, demonstrando que Josué não reduz a fé a conquista territorial.

Cristocentricamente, esse chamado à interioridade da obediência aponta para Cristo como aquele que cumpriu plenamente o que Israel sempre falhou em cumprir. Em João 14:15 ("Se me amardes, guardareis os meus mandamentos"), Jesus retoma exatamente essa linguagem de Josué 22:5, revelando que **a obediência verdadeira nasce do amor, e o amor perfeito encontra seu modelo e fonte na pessoa de Cristo.**

→ Amar ao Senhor (לְאַהֲבָה)

Obediência que nasce de relacionamento, não de temor servil — amor pactual.

→ Andar em Seus Caminhos

Caminhada (*halak*) como metáfora de vida inteira orientada pela Torah.

→ Servir de Todo Coração

— כָּל-לְבַבְכֶּם
espiritualidade integral,
não apenas ritual externo

A Despedida com Responsabilidade diante de Deus

Os versículos 7 a 9 registram o momento final da despedida, onde Josué abençoa as tribos (וַיְבָרֶכֶם, *waybārekem*) e as exorta a retornarem às suas tendas. O verbo "abençoar" aqui tem força sacerdotal e está em linha com a bênção aarônica (Nm 6:24-26): Josué exerce um papel mediador que cristologicamente aponta para Cristo como Sumo Sacerdote que abençoa seu povo ao partir (Lucas 24:50-51).

A menção ao שָׁלָל (*shālāl*, "espólio") no v.8 é significativa: as tribos partem ricas, não apenas com terras, mas com o produto da vitória compartilhada. Josué determina que o espólio seja repartido — um princípio de solidariedade comunitária que ressoa com Atos 2:44-45 e a ética da comunhão cristã primitiva. O retorno das tribos ao leste não é abandono; é cumprimento de missão com abundância recebida da graça divina.

Academicamente, o genitivo שָׁלָל e a construção narrativa de v.9 marcam a transição para o grande conflito que se seguirá: as tribos "foram-se" (וַיֵּלְכוּ, *wayyēlkû*) — um verbo simples que carrega toda a tensão dramática do que está prestes a acontecer. A paz parece garantida, mas a narrativa bíblica demonstra que o maior risco à unidade frequentemente vem **não de inimigos externos, mas de mal-entendidos internos entre o povo de Deus.**

Bênção Sacerdotal (v.7)

Josué como tipo de — וַיְבָרֶכֶם — Cristo, aquele que abençoa ao partir, conectando com Lucas 24:50-51

Partilha do Espólio (v.8)

O espólio dividido prefigura a ética comunitária do NT — os frutos da vitória pertencem a toda a comunidade de fé.

Tensão Narrativa (v.9)

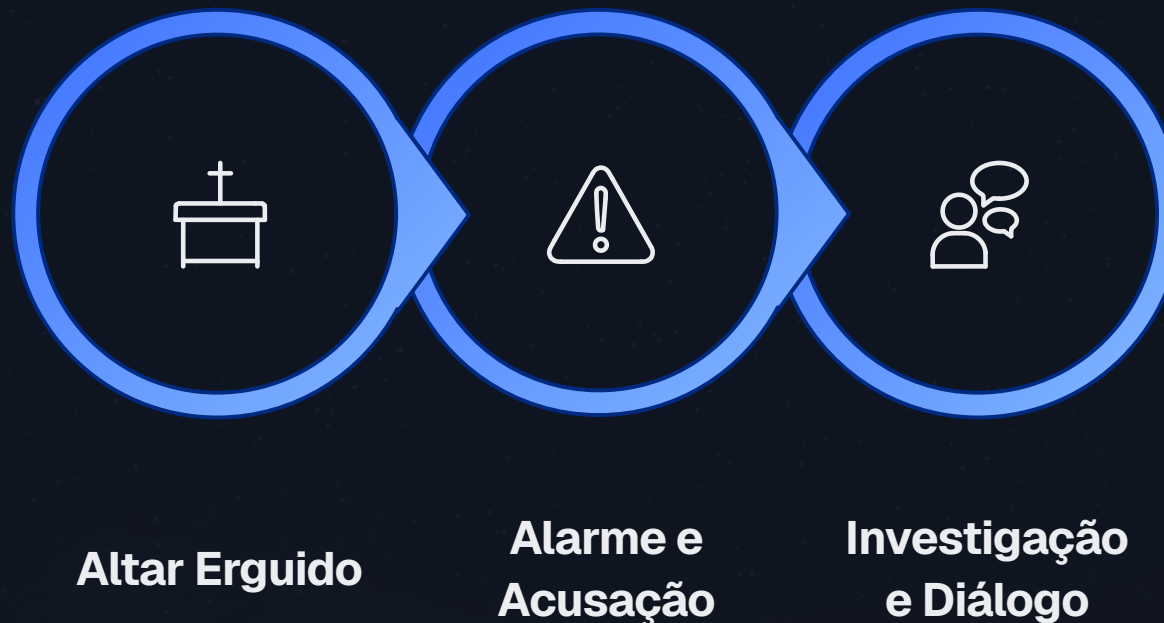
O simples "foram-se" anuncia o conflito iminente — a unidade sempre será testada após momentos de glória.

O Altar que Acendeu o Alarme (Josué 22:10–20)

O segundo movimento do capítulo é dramático: mal as tribos transjordânicas cruzam o Jordão, erguem um altar de proporções impressionantes. O texto hebraico descreve o altar com a palavra **גָּדוֹל** (*gādôl*, "grande/grandioso") — termo que não é neutro. No vocabulário do AT, altares "grandes" fora do lugar designado por Deus estão frequentemente associados à idolatria (1Rs 12:28-33). A reação das tribos do ocidente é, portanto, compreensível dentro de sua lógica teológica.

Do ponto de vista narratológico, esse segmento funciona como o clímax tensional do capítulo. A narrativa bíblica opera pela lógica da aparência versus realidade — o altar *parece* apostasia, mas é testemunho de fé. Academicamente, essa dinâmica ecoa ao longo das Escrituras: o que parece quebra de aliança pode ser, quando devidamente investigado, o gesto mais fiel de preservação da aliança. Cristo é o intérprete definitivo das aparências enganosas — ele que pareceu maldito na cruz era, na verdade, a máxima expressão do amor de Deus (Gl 3:13).

A teologia da suspeita que domina este segmento é pedagogicamente rica: ela nos ensina que **a unidade do povo de Deus exige discernimento, não apenas reação — o diálogo antes da guerra, a investigação antes da acusação**. A comunidade de fé que aprende isso está mais próxima do caráter de Cristo, que sempre discerniu motivações antes de julgar.



O diagrama acima sintetiza o arco dramático de Josué 22:10-20: o altar construído acende o alarme, a acusação cresce, e somente o diálogo investigativo revela a verdade — modelo bíblico para gestão de conflitos na comunidade de fé.

Um Altar "Grandioso" à Beira do Jordão

O versículo 10 registra com precisão geográfica a ação das tribos: **וַיִּבְנוּ-שָׁם מִזְבֵּחַ עַל-הַיַּרְדֵּן מִזְבֵּחַ גָּדוֹל לְמַרְאֵה** (*wayyibnû-shām mizbêah 'al-hayyardēn mizbêah gādôl ləmar'eh*, "e edificaram ali um altar junto ao Jordão, um altar grande de aparência"). A frase **לְמַרְאֵה** (*ləmar'eh*) é crucial: à *aparência*. O narrador bíblico sublinha que o altar foi visível, imponente, impossível de ignorar — e justamente por isso, impossível de interpretar de forma neutra.

A localização "junto ao Jordão" (**עַל-הַיַּרְדֵּן**) é teologicamente carregada. O Jordão era a fronteira da Terra Prometida, o rio da travessia sagrada (Js 3-4), o lugar onde Deus havia demonstrado seu poder. Construir um altar nessa fronteira poderia significar duas coisas diametralmente opostas: ou a criação de um santuário rival ao de Siló, ou a demarcação de uma identidade espiritual comum que transcende a fronteira geográfica. A ambiguidade é intencional e narrativamente rica.

Cristologicamente, o Jordão como fronteira evoca o batismo de Jesus (Mt 3:13-17) — outro momento em que uma ação aparentemente comum (**um homem sendo batizado**) **revelou ser a inauguração do novo êxodo e da nova aliança**. As "fronteiras" da experiência cristã frequentemente são lugares de revelação, não de ruptura. O altar na beira do Jordão, assim como o batismo de Cristo, é um sinal que requer discernimento espiritual para ser corretamente interpretado.

"Edificaram ali um altar junto ao Jordão, um altar grande de aparência." — Josué 22:10 (KJA)

- ❶ Nota Exegética: A palavra **לְמַרְאֵה** (*ləmar'eh*) pode ser traduzida como "vistoso/de grande aparência". O narrador usa a perspectiva visual deliberadamente — o problema começa com o que se vê antes de se ouvir a explicação.

Quando a Notícia Vira Acusação

Os versículos 11-13 documentam a escalada: a notícia chega às tribos do ocidente (וַיִּשְׁמְעוּ בְנֵי-יִשְׂרָאֵל, *wayyishmē'û bənê-Yisrā'ēl*, "e os filhos de Israel ouviram") e imediatamente a interpretação se forma. O verbo "ouvir" (*shāma*) sem o complemento "e compreenderam" ou "e investigaram" é narrativamente eloquente: ouviu-se sem discernir. A comunidade reuniu-se (וַיִּקָּהְלוּ, *wayyiqqāhālû*) para guerra antes de buscar esclarecimentos.

O termo **מַעַל** (*ma'al*, "infidelidade/transgressão") no v.16 (preparado aqui) é um dos mais graves do vocabulário deuterônômico: descreve uma ruptura deliberada da aliança com Deus. Acusar alguém de *ma'al* é a acusação máxima no sistema jurídico-teológico do Israel antigo. As tribos do oeste estão prontas para usar essa linguagem capital — revelando o quão profundo era o risco espiritual percebido.

A assembléia para guerra (*milhāmāh*) antes do diálogo é um retrato fiel da falha humana: **tendemos a convocar tribunais antes de constituir comissões de investigação**. Cristologicamente, isso contrasta com Cristo que, antes de qualquer julgamento, sempre conhecia o coração dos homens (Jo 2:25) e questionava antes de condenar (Jo 8:10). A comunidade de fé é chamada a imitar essa sabedoria.



Ouvir Sem Discernir

sem investigação — o מַעַל
rumor que se torna certeza
.antes da apuração



Assembléia para Guerra

mobilização coletiva — וַיִּקָּהְלוּ
antes do diálogo, padrão de
.conflito comunal evitável



(ma'al) מַעַל

A acusação máxima de
infidelidade à aliança, usada
antes de qualquer
investigação.

Investigação com Representatividade

A sabedoria narrativa de Josué 22 brilha nos versículos 14-15: antes de lançar guerra, Israel envia uma delegação. Fineias (פִּינֶחָס, *Pînehās*), filho do sumo sacerdote Eleazar, lidera dez príncipes, um de cada tribo — uma representatividade geograficamente e teologicamente cuidadosa. O número dez (עֶשְׂרֵה) em contextos jurídicos hebraicos evoca a completude da comunidade (*minyan*), sinal de que este é um processo legítimo e abrangente.

A escolha de Fineias é especialmente significativa. Em Números 25, Fineias havia demonstrado zelo pela pureza da aliança ao confrontar o pecado em Baal-Peor — um evento que as tribos do oeste citarão explicitamente nos versículos seguintes. Enviá-lo agora é ao mesmo tempo uma ameaça velada e uma oferta de mediação: *quem manteve a pureza de Israel está aqui para ouvir, mas também para agir se necessário*. A escolha comunica urgência sem declarar hostilidade.

Do ponto de vista cristológico, Fineias como mediador prefigura Cristo — o verdadeiro Sumo Sacerdote que intercede por seu povo (Hb 7:25), que conhece o coração humano e que, antes de condenar, busca entender. A investigação teológica precedendo o julgamento é uma categoria cristológica fundamental: em Cristo, a graça sempre precede a sentença, e o diálogo sempre precede a ruptura.

- ❏ Nota Acadêmica: A estrutura "líderes das tribos + sacerdote" espelha o sistema dualístico de governo em Israel — autoridade civil e sacerdotal operando em conjunto. Isso antecipa a distinção entre os dois poderes que Calvino desenvolveu na Instituição e que Cristo unificou em sua pessoa como Rei e Sacerdote.

O Perigo do Julgamento Precipitado

O discurso de acusação nos versículos 16–18 é juridicamente estruturado, usando a fórmula de *rib* (contenda/processo) típica dos profetas: "Assim diz toda a congregação do SENHOR..." A acusação centra-se no conceito de **מַעַל** (*ma'al*) — infidelidade pactual. O verbo **מַעַלְתֶּם** (*mə'altem*, "transgredistes") aparece três vezes no contexto imediato, construindo uma retórica de acumulação que demonstra a gravidade percebida da situação.

O versículo 17 é exegeticamente revelador: **הַמַּעַט-לָנוּ אֶת-פְּעוֹר** (*ham'aṭ-lānû 'et-āwōn Pə'ôr*, "Não nos basta a iniquidade de Baal-Peor?"). A retórica memorial é uma estratégia deuteronomica deliberada: invocar julgamentos passados como argumento contra transgressões presentes. A referência a Peor (Nm 25) e a Acã (v.20) serve para enquadrar o novo "crime" suspeito numa tradição de desobediência fatal.

Academicamente, isso demonstra que a memória coletiva da comunidade de fé funciona como norma hermenêutica. Cristologicamente, Cristo opera de forma oposta: não usa o histórico de pecados de seus interlocutores para condená-los, mas o conhecimento do coração para restaurá-los. **A comunidade cristã é chamada a julgar com a lógica de Cristo: investigar motivações, não apenas aparências; restaurar com misericórdia, não apenas punir com justiça.**

Memória como Norma

Referências a Peor e Acã demonstram que Israel usa a história como espelho — o passado define o presente. Princípio hermenêutico deuteronomico.

Três Usos de מַעַל (*ma'al*)

- Infidelidade à aliança divina
- Ruptura da unidade comunitária
- Risco de julgamento coletivo

O triplo uso reforça a gravidade da acusação no sistema jurídico-teológico israelita.

Limites da Adoração e Memória do Julgamento

O versículo 19 representa a oferta mais generosa do discurso acusatório: "se vossa terra é imunda, passai para a terra da possessão do SENHOR." As tribos do ocidente oferecem partilhar seu território antes de ver Israel dividido na adoração. Esta é uma afirmação teológica profunda: a unidade litúrgica (*um só lugar de adoração*) é mais preciosa do que a partilha de terras. A centralização do culto em Siló (מִשְׁכַּן יְהוָה, *mishkan YHWH*) não é apenas pragmática — é teológica.

O versículo 20 invoca o caso de Acã (עָכָן, vd. Js 7) como advertência final: um homem pecou e toda a congregação sofreu (וַיְהִי-אִישׁ אֶחָד חָטָא, "e houve um só homem que pecou"). A teologia da solidariedade corporativa aqui é fundamental para entender o Antigo Testamento: em Israel, o indivíduo e a comunidade são ontologicamente vinculados. Um pecado privado tem consequências públicas.

Cristologicamente, essa solidariedade corporativa no pecado encontra sua resolução máxima na obra expiatória de Cristo: **um Homem obedeceu, e muitos foram constituídos justos (Rm 5:19)**. A lógica invertida da graça — onde a justiça de Um redime os muitos — é a resposta cristocêntrica à tragédia de Acã. O altar suspeito às margens do Jordão, por fim, testa se Israel aprendeu a diferença entre ruptura real e testemunho mal compreendido.

1

Centralização Litúrgica

Um só lugar de adoração (Siló) — precursor do princípio de que há um só mediador (1Tm 2:5).

2

Solidariedade Corporativa

Acã: um pecou, todos sofreram. Tipo invertido em Cristo: um obedeceu, todos foram salvos (Rm 5:19).

3

Graça antes do Julgamento

A oferta de partilhar a terra demonstra que a restauração precede a punição — padrão evangélico.

A Defesa, a Testemunha e a Guerra Evitada (Josué 22:21–34)

O terceiro e último movimento de Josué 22 constitui a resolução dramática e teológica de todo o capítulo. As tribos orientais finalmente têm voz — e o que dizem é teologicamente surpreendente em sua profundidade. Sua defesa não é uma negação simples da acusação, mas uma invocação tripartite do nome divino (*Ēl, Elohim, YHWH*) que funciona como juramento solene e apelo a uma autoridade superior à assembleia humana.

Do ponto de vista literário, o capítulo segue a estrutura clássica do processo jurídico hebraico (*rib*): acusação — defesa — veredicto — resolução. O "altar de testemunha" que parecia ruptura revela-se instrumento de unidade intergeracional. A narrativa demonstra que **o maior serviço que uma geração pode prestar às seguintes é preservar sinais visíveis da identidade espiritual compartilhada.**

Cristologicamente, este movimento prefigura a obra de Cristo como defensor (*paraklētos*, 1Jo 2:1): aquele que responde às acusações contra seu povo não com argumentos, mas com a realidade de seu caráter e sua obra. A defesa das tribos orientais é um tipo da intercessão sacerdotal de Cristo — não negando a acusação, mas apresentando uma realidade mais profunda que a dissolve.



"Se Há Traição, que o Senhor Julgue"

A resposta das tribos orientais começa com uma invocação tripartite sem paralelo em intensidade em todo o livro de Josué: **אֵל אֱלֹהִים יְהוָה** (*Ēl 'Ēlōhîm YHWH*, "O Deus dos deuses, o SENHOR") — repetida duas vezes no versículo 22. A tripla nomeação não é redundante: é um juramento de verdade absoluta perante o Deus que conhece os corações. Academicamente, este é um dos raros exemplos de juramento tripartite divino no AT hebraico e demonstra a extrema seriedade com que as tribos orientais tomam a acusação.

O versículo 23 segue com um condicional que tem força de imprecação: **אם-במרד** (*'im-bəmered*, "se em rebeldia"). Se o altar foi erigido em rebeldia, que o próprio YHWH **יִתְבַּקֵּשׁ** (*yitbaqqēsh*, "o requeira/procure") — isto é, que Deus mesmo exerça julgamento. As tribos orientais não temem o tribunal humano porque sua consciência é limpa diante de Deus. Este é um ato de coragem espiritual extraordinária: entregar-se ao julgamento divino como prova de integridade.

Cristologicamente, essa postura prefigura Cristo perante Pilatos (Jo 19:11) — aquele que, falsamente acusado, não recorre a argumentos humanos, mas apela à soberania de Deus sobre todo tribunal. [A consciência limpa diante de Deus é a maior defesa que o crente pode apresentar — não bravata humana, mas humilde confiança na onisciência divina.](#)

"O Deus dos deuses, o SENHOR, o Deus dos deuses, o SENHOR, ele sabe; e Israel também saberá." — Josué 22:22 (KJA)

- ✔ Destaque Cristocêntrico: A tripla invocação de Deus como testemunha aponta para Cristo como o único testemunho perfeito — aquele que conhece os corações (Jo 2:25) e que intercede com base nesse conhecimento perfeito (Hb 7:25).

O Motivo: Proteger a Fé das Próximas Gerações

O coração da defesa das tribos orientais é revelado nos versículos 24-26: o altar não foi construído por desobediência, mas por *temor pedagógico*. A preocupação explícita é com os filhos e netos: מִירָאָה מִדָּבָר (*miyyārē'āh middāvār*, "por temor desta coisa") — o medo de que no futuro os descendentes das tribos orientais sejam questionados pelos filhos das tribos ocidentais: "Que parte tendes vós com o SENHOR Deus de Israel?"

Esta é uma das passagens mais pastoralmente ricas do Antigo Testamento: um ato de construção física motivado por ansiedade teológica intergeracional. As tribos orientais sabem que a fé não se transmite automaticamente — ela precisa de sinais, memórias e testemunhos visíveis. O altar é um instrumento de *educação religiosa* para gerações ainda não nascidas. Academicamente, isso ecoa a estrutura dos "memoriais" de pedra ao longo de Josué (Js 4:6-7; 24:27).

Cristologicamente, essa preocupação intergeracional aponta para a missão da Igreja: [preservar e transmitir o testemunho de Cristo às gerações que virão \(2Tm 2:2\)](#). Os "altares de testemunho" da comunidade cristã são as Escrituras, os sacramentos, a pregação e os testemunhos de vida — sinais visíveis da identidade espiritual que une os filhos de Deus de todas as épocas e geografias.

1 Geração Presente

As tribos orientais que cruzaram o Jordão com fidelidade — portadoras da memória viva.

2 O Altar como Ponte

O sinal físico construído para responder às perguntas das gerações futuras.

3 Gerações Futuras

Os filhos que precisarão provar sua identidade espiritual em Israel — protegidos pelo testemunho do altar.

O Altar como Sinal de Serviço Legítimo

O versículo 27 é o clímax declaratório da defesa: **כִּי עֵד הוּא בֵּינֵנוּ וּבֵינֵיכֶם** (*kî 'ēd hû' bēnēnû ûbēnēkem*, "pois é testemunha entre nós e vós"). A palavra **עֵד** (*'ēd*, "testemunha") é precisamente o termo legal hebraico para uma evidência válida em tribunal. O altar não é um segundo santuário — é um *documento jurídico tridimensional* que afirma: estas tribos servem ao mesmo YHWH, no mesmo altar legítimo de Siló.

A construção "entre nós e vós" (**בֵּינֵנוּ וּבֵינֵיכֶם**) é a linguagem clássica das alianças hebraicas. Ela aparece em Gênesis 9:12-13 (aliança com Noé), em Gênesis 17:2 (aliança com Abraão) e em Gênesis 31:50 (pacto entre Jacó e Labão). O altar, portanto, não divide — ele une na linguagem da aliança bíblica.

Academicamente, isso demonstra que os construtores conheciam a tradição pactual e deliberadamente a mobilizaram para expressar fidelidade.

Cristocentricamente, Cristo é o "testemunho" máximo (**עֵד**) — em Apocalipse 1:5 ele é chamado de "*ho martys ho pistos*", o testemunho fiel. Assim como o altar era a evidência da identidade espiritual das tribos orientais, **Cristo crucificado e ressurreto é a evidência definitiva da identidade do povo de Deus em todas as épocas e geografias**. Somos identificados não por nossas obras, mas pelo Testemunho vivo que é Cristo.

- ⓘ Nota Linguística: **עֵד** (*'ēd*, "testemunha") compartilha raiz com o substantivo **תֵּיּוֹד** (*'ēdût*, "testemunho/lei"), que designa as Tábuas da Lei na arca. O altar como "testemunha" evoca toda a tradição da Torah como documento de aliança.

Um Memorial para Responder Acusações Futuras

Os versículos 28-29 concluem a defesa com precisão jurídica e pastoral. O versículo 28 articula a função do altar como "modelo" (תְּבִנִית, *tabnîṭ*) — uma réplica ou cópia do altar legítimo de YHWH. O termo *tabnîṭ* é o mesmo usado em Êxodo 25:9,40 para o "padrão/modelo" do tabernáculo que Moisés recebeu no monte — uma conexão teológica profundíssima que identifica o altar das tribos orientais com a ordem cultual divinamente revelada, não com desvio desta.

O versículo 29 é uma negação solene e explícita: חֲלִילָה לָנוּ מִמֶּנּוּ (*ḥālîlāh lānû mimennû*, "Longe de nós tal coisa") — a expressão de horror mais forte do vocabulário hebraico, equivalente ao paulino *mē genoito* ("de modo nenhum!") nas cartas aos Romanos e Gálatas. As tribos recusam com horror a ideia de que teriam construído um altar competidor. A clareza de sua declaração dissolve toda ambiguidade que a narrativa havia sustentado até aqui.

Cristologicamente, a ideia do "modelo" (*tabnîṭ*) é rica: o tabernáculo era uma cópia do celestial (Hb 8:5); as ofertas eram sombra dos bens futuros (Hb 10:1); o sacerdócio aarônico era tipo do sacerdócio de Cristo (Hb 7). **Todo testemunho genuíno da fé cristã é um "modelo" — um sinal que aponta para a realidade plena em Cristo, nunca um substituto ou concorrente.**

O Modelo — תְּבִנִית

O mesmo termo do tabernáculo (Ex 25:9,40) — o altar das tribos orientais é réplica fiel, não inovação divergente. Toda prática cristã autêntica deve ser "modelo" da realidade em Cristo.



Horror ao Pecado — חֲלִילָה

A expressão mais forte de recusa no hebraico — paralela ao *mē genoito* paulino. A negação solene que dissolve toda suspeita de idolatria intencional.



Fineias Reconhece a Intenção Correta

O versículo 30 registra a virada: Fineias "ouviu" (וַיִּשְׁמָע, *wayyishma*) — desta vez com discernimento. O mesmo verbo que anteriormente descrevia a recepção precipitada da notícia pelo povo (v.11) agora descreve a escuta atenta do mediador. A mudança do sujeito e do contexto transforma o verbo: ouvir com disposição para compreender é radicalmente diferente de ouvir com predisposição para condenar.

O versículo 31 contém um dos mais belos julgamentos positivos de toda a literatura histórica do AT: Fineias declara יָדַעְנוּ כִּי-בְּתוֹכֵנוּ יְהוָה (*yāda'nû kî-vətôkênû YHWH*, "sabemos que o SENHOR está no meio de nós"). A presença divina é o critério supremo de discernimento: onde há fidelidade genuína, YHWH está presente. A ausência de ruptura real significa ausência do julgamento divino — e a presença do julgamento divino seria evidência irrefutável de apostasia.

Cristologicamente, a afirmação de que "**YHWH está no meio de nós**" antecipa a promessa de Emanuel (Is 7:14) e a declaração de Cristo em Mateus 18:20: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles." A presença de Deus não é negociável — ela acompanha a fidelidade e confirma a unidade genuína. Fineias, ao reconhecer essa presença, exerce o discernimento espiritual que toda liderança cristã é chamada a cultivar.

"Hoje sabemos que o SENHOR está no meio de nós, porque não cometestes esta transgressão contra o SENHOR." — Josué 22:31 (KJA)

Relato que Encerra a Escalada

Os versículos 32-33 documentam o retorno da delegação e o efeito do relato sobre a comunidade. Fineias e os príncipes "voltaram" (וּשְׁבוּ, *wayyāshûvû*) — verbalmente o mesmo movimento de retorno das tribos do leste, criando um eco estrutural que unifica a narrativa. A palavra *shûv* (retornar) é teologicamente carregada no AT: é o verbo do arrependimento, da restauração, do retorno à ordem correta.

O versículo 33 documenta a resposta comunitária: "וַיִּטֹּב הַדָּבָר בְּעֵינֵי בְנֵי יִשְׂרָאֵל" (*wayyîṭav haddāvār bə'ênê bənê Yisrā'ēl*, "e agradou a coisa aos olhos dos filhos de Israel"). O verbo יָטַב (*yāṭav*, "ser bom/agradar") na construção idiomática "aos olhos de" descreve aprovação unânime. A comunidade que estava prestes a ir à guerra agora se regozija — o contraste narrativo é deliberado e pedagogicamente poderoso.

A declaração final de que Israel "bendisse a Deus" (וַיְבָרְכוּ אֱלֹהִים, *wayvarākû 'Ēlōhîm*) transforma a quase-guerra em ato de adoração. Quando a verdade é ouvida, a crise se converte em culto. Esta é a gramática do evangelho: o que parecia morte (a cruz) revela-se vida; o que parecia ruptura (o altar) revela-se testemunho; o que parecia julgamento converte-se em graça. A comunidade que aprende a bendizer a Deus na resolução dos conflitos demonstra maturidade espiritual cristocêntrica.

Bendizer — בָּרַךְ

A crise que se converte em culto — padrão evangélico que antecipa a ressurreição como reversão da morte.

Agradou — יָטַב

Aprovação unânime onde havia unanimidade para a guerra — o diálogo transforma a comunidade.

Retorno — שָׁב

O retorno da delegação espelha o retorno das tribos — a narrativa usa o mesmo verbo para criar unidade estrutural.

O Nome do Altar: "Testemunha"

O versículo final do capítulo é exegeticamente peculiar e pastoralmente poderoso. Na maioria dos manuscritos hebraicos da tradição massorética, o versículo 34 não explicita o nome do altar com uma frase nominal completa — o texto diz literalmente: **וַיִּקְרָאוּ בְנֵי רְאוּבֵן וּבְנֵי גָד לַמִּזְבֵּחַ** (*wayyiqra'û bənê Rə'ûvên ûbənê Gād lammizbeah*) seguido do motivo — "porque é testemunha entre nós de que o SENHOR é Deus". A KJA e outras versões suprem o nome "Ed" (עֵד, "Testemunha") em itálico, indicando que é inferência do contexto, não explicitado no hebraico original.

Esta pequena anomalia textual é hermeneuticamente rica: o altar não precisa de um nome próprio pomposo — sua função declarativa é seu nome. עֵד (*ēd*) não é um nome místico; é uma descrição funcional: "aquilo que testemunha." Em uma cultura onde nomear era definir a essência (*nomen est omen*), chamar o altar de "Testemunha" é afirmar que sua razão de ser é relacional e confessional — não sacrificial, não competitiva.

Cristologicamente, este altar "Testemunha" aponta para Cristo como o **עֵד נֶאֱמָן** (*ēd ne'ēmān*, "Testemunha Fiel") de Apocalipse 3:14. **Cristo não existe para competir com o Pai — ele existe para testemunhar o Pai ao mundo (Jo 1:18; 14:9).** Da mesma forma, a Igreja existe não como estrutura concorrente ao Reino, mas como testemunho vivo de que YHWH é Deus — um "altar Ed" vivo no mundo. Cada crente é chamado a ser, em sua esfera de influência, uma testemunha fiel da unidade do povo de Deus em Cristo.



A Igreja como Altar Ed

Cada comunidade cristã é chamada a ser um "altar testemunha" vivo — sinal de unidade em Cristo para as gerações presentes e futuras.



Cristo, Testemunha Fiel

de Ap 3:14 — Cristo não **עֵד נֶאֱמָן** compete com o Pai; revela-o. A Igreja existe como testemunho, não .como fim em si mesma



Testemunha — עֵד

Nome funcional, não pomposo. O altar define sua própria essência: existir para testemunhar a identidade espiritual compartilhada em YHWH.

Como Evitar "Altars" de Mal-Entendido: Aplicação Prática de Josué 22

Josué 22 é um espelho da vida eclesiástica em todos os tempos. Suas tensões, mal-entendidos e resolução graciosa falam diretamente às comunidades cristãs do século XXI, especialmente em contextos de diversidade geográfica, cultural e litúrgica. O capítulo nos entrega um roteiro cristocêntrico para navegar crises de unidade com sabedoria, humildade e fidelidade ao evangelho.

1 Investigar Antes de Acusar

O modelo de Fineias: enviar representatividade qualificada ao diálogo antes de mobilizar para o conflito. Em Cristo, toda acusação merece escuta — ele que conhece os corações (Jo 2:25) nos chama a discernir motivações antes de julgar aparências (Jo 7:24).

2 Distinguir Forma de Essência

O altar parecia apostasia, mas era testemunho. Muitos conflitos eclesiásticos nascem da confusão entre diferenças de forma e desvios de essência. A unidade cristã não exige uniformidade litúrgica — exige um só Senhor, uma só fé, um só batismo (Ef 4:5).

3 Proteger a Fé Intergeracional

As tribos construíram o altar pensando nos filhos que ainda não haviam nascido. A comunidade cristã é mordomamente responsável pela transmissão da fé (2Tm 2:2; Sl 78:4-7) — nossas "construções" doutrinárias, litúrgicas e comunitárias devem servir como "testemunhas" às gerações futuras.

4 Cristo como Único "Altar Ed" Permanente

Toda estrutura eclesial, todo memorial, todo sinal visível da fé é provisório e tipológico. Cristo é o único Altar-Testemunha permanente — aquele em quem a identidade do povo de Deus encontra sua definição última, perfeita e inabalável (Hb 13:8; Ap 1:5).



Síntese Cristocêntrica: Josué 22 demonstra que a unidade do povo de Deus é preservada não pela uniformidade geográfica ou litúrgica, mas pela fidelidade compartilhada ao único YHWH — tipologia perfeita da unidade da Igreja em Cristo, que transcende toda fronteira (Jo 17:21-23).